

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE PEDAGOGIA**

BERENICE VEIGA

**INFÂNCIAS E *ANIME*: REPRESENTAÇÕES DE CRIANÇAS
EXCLUÍDAS EM NARUTO.**

ERECHIM

2025

BERENICE VEIGA

**INFÂNCIAS E *ANIME*: REPRESENTAÇÕES DE CRIANÇAS
EXCLUÍDAS EM NARUTO.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau
de Licenciado no Curso de Graduação em
Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira
Sul - UFFS.

Orientador: Prof. Dr. Renan Santos Mattos

ERECHIM

2025

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Veiga, Berenice

Infâncias e Anime: Representações de crianças
excluídas em Naruto. / Berenice Veiga. -- 2025.
50 f.

Orientador: Doutor Renan Santos Mattos

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Pedagogia, Erechim, RS, 2025.

1. Infância. 2. Naruto. 3. Violência. I. Mattos,
Renan Santos, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

BERENICE VEIGA

INFÂNCIAS E ANIME: REPRESENTAÇÕES DE INFÂNCIAS EXCLUÍDAS EM NARUTO.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado no Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia 16 de julho de 2025;

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **RENAN SANTOS MATTOS**
Data: 18/07/2025 11:01:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Renan Santos Mattos - UFFS
Orientador

Documento assinado digitalmente
 **BRUNA LIMA**
Data: 18/07/2025 10:30:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Bruna Lima - UFFS
Avaliador I

Documento assinado digitalmente
 **SILVANIA REGINA PELLEZ IRGANG**
Data: 18/07/2025 10:48:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª Ma. Silvana Regina Pellenz Irgang - UFFS
Avaliador II

Dedico este trabalho a minha mãe, a
mulher que mesmo insistindo em dizer
que sabe pouco, me ensinou sobre o que
há de mais precioso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Dona Jacira, por tudo. Desde o dia 1.

Agradeço a minha irmã, Mariana por acreditar em mim, mesmo e quando eu não acreditava.

Agradeço ao meu avô João Moreira da Veiga (in memoriam) por incentivar e respeitar minha profissão, antes mesmo de ser.

Agradeço as meninas, com as quais dividi angústias, vivi bons momentos, dos quais rimos e rimos muito e hoje temos uma trajetória para lembrar.

Agradeço ao meu orientador Renan Santos Mattos, pela paciência, zelo e sensibilidade a esse trabalho e as infâncias.

Agradeço às professoras Bruna e Regina por aceitarem fazer parte desse momento tão importante.

“A infância é um chão que a gente pisa a vida inteira.”
(Ariane Osshiro)

RESUMO

O presente trabalho consiste na análise das infâncias excluídas/subalternizadas no *anime* Naruto. Sendo uma pesquisa que parte da infância, sendo motivada pelo curso de Pedagogia. Essa pesquisa, de natureza qualitativa, teve como foco a análise documental acerca da obra Naruto, uma série de mangá e *anime* escrita por Masashi Kishimoto. Com base na análise documental, foram selecionados 220 episódios, totalizando 9 temporadas, para melhor elucidação foi feito um recorte de cenas que representam os conceitos de exclusão e também de violência. A pesquisa bibliográfica fomentou a conceituação do processo histórico das infâncias e a criança como ser de direito. Há também importantes acordos mundiais vigentes para a infância como a “Convenção sobre o direito das crianças de 1989” e a “Declaração dos Direitos da Criança 1959”. Os resultados indicam que as representações da vida real estão presentes no *anime*, onde as crianças são desassistidas, tanto pelo meio familiar, quanto pelo Estado e ainda esperam que elas inspirem-se em modelos de disciplina e honra. De modo a retratar que as representações são importantes, pois, a mesma medida que são usadas para demonstrar sobre a vida e indicam a centralidade das crianças na construção de suas vidas, o quanto enfrentam seus destinos.

Palavras-chave: Infância; Naruto; Violência.

ABSTRACT

The present work consists of analyzing excluded/subordinated childhoods in the anime Naruto. This research, based on childhood, was motivated by my Pedagogy degree. This qualitative research focused on documentary analysis of the manga and anime series Naruto, written by Masashi Kishimoto. Based on the documentary analysis, 220 episodes, totaling nine seasons, were selected. For further elucidation, scenes representing the concepts of exclusion and violence were selected. The bibliographical research fostered the conceptualization of the historical process of childhood and the child as a being with rights. Important global agreements on childhood are also in force, such as the 1989 Convention on the Rights of the Child and the 1959 Declaration of the Rights of the Child. The results indicate that representations of real life are present in the anime, where children are neglected by both their families and the state, and still expected to be inspired by models of discipline and honor. In order to portray that representations are important, as they are used to demonstrate life and indicate the centrality of children in the construction of their lives, how much they face their destinies.

Keywords: Childhood; Naruto; Violence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Naruto limpando o Monumento dos Hokages, episódio 1 temporada 1.....	37
Figura 2 - Iruka protege Naruto do ataque de uma Shuriken, episódio 1 temporada 1....	38
Figura 3 - Naruto conversa com Gaara, episódio 80 temporada 4.....	39
Figura 4 - Sasuke no Tsukuyomi, episódio 131 temporada 5.....	41
Figura 5 - Neji revela o selo amaldiçoado, episódio 61 temporada 3.....	42
Figura 6 - Kakashi confronta Sasuke, episódio 108 temporada 5.....	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Declaração dos Direitos da Criança 1959.....	20
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CONTEXTO HISTÓRICO DAS INFÂNCIAS: DEBATES PARA PENSAR O ANIME.....	16
2.1 A INFÂNCIA NO CENTRO DO DEBATE DAS CIÊNCIAS HUMANAS.....	16
2.2 A INFÂNCIA E A CRIANÇA COMO SUJEITO DE DIREITOS.....	19
3. NARUTO E INFÂNCIAS SUBALTERNIZADAS: APROXIMAÇÕES E DESCONTINUIDADES.....	24
3.1 MANGÁ E ANIME.....	24
3.2 NARUTO: CRIAÇÃO E CONTEXTO DA OBRA.....	26
3.3 UNIVERSO NARUTO E AS PESQUISAS.....	30
4. NARUTO E AS EMERGÊNCIAS DA INFÂNCIA NO CONTEXTO DA EXCLUSÃO E VIOLÊNCIA.....	33
4.1 O RETRATO DAS INFÂNCIAS EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

Terceiro Hokage - Iruka, Naruto jamais teve uma mãe ou um pai que se preocupasse com ele. Foi marginalizado e não sabe por quê. Muitas pessoas nem sequer o olham. Como se sentiria se, em todo o lugar que fosse, as pessoas dessem as costas para você? Por isso, ele se mete em confusão, para que as pessoas o notem. Ele pode não demonstrar, mas está sempre pensando na família que não tem. Está ferido por dentro.

[...]

Mizuki - Hora de morrer, Naruto.

Iruka - Naruto se abaixa!

Iruka protege Naruto de ser atingido por uma Shuriken¹.

Naruto - Por quê?

Iruka - Porque somos iguais. Quando perdi meus pais, ninguém se preocupou comigo. Não tinham tempo pra mim. Esqueceram que eu existia. Minha notas caíram, eu virei o palhaço da classe. Só queriam que me enxergassem e soubessem meu nome. Mas a escola não era o suficiente para chamar a atenção deles. Então, fiz muitas loucuras e paguei por elas. Foi duro. Sei o que você sente, Naruto. Sente solidão, isso dói por dentro. Eu podia ter feito mais por você. Eu te abandonei. Me desculpe. Ninguém devia sofrer assim. Ninguém deveria ficar sozinho assim! (Naruto, 2002, Episódio 1)

[...]

O diálogo em questão, retirado do primeiro episódio de *Naruto Clássico*, explicita a situação em que Naruto vivia, sem estrutura familiar e marginalizado pela sociedade, em cenários de ampliação e construção dos direitos das crianças e jovens no mundo. Ao mesmo tempo em que sua vida toma um rumo diferente após o reconhecimento e afeto do seu Sensei², somos provocados a pensar nas relações entre criança, sociedade e o mundo social e o professor que faz a diferença.

Nesse sentido, consideramos o anime como indiciário na compreensão da sociedade acerca dos direitos da criança no cenário de 1989-2002. Diante disso, o trabalho apresenta como questão central: quais são as representações de infância presente no *Anime* *Naruto*?

Essa problematização tem o intuito de compreender as representações de Infância no *Anime* “*Naruto*”, refletir sobre o conceito de infância e seu debate no cenário global de 1989-2002, analisar o papel do *anime* no contexto da globalização

¹ Arma tradicional japonesa utilizada pelos ninjas em combate.

² Professor.

e as emergências das infâncias em *Naruto* e dialogar sobre a emergência do dispositivo infância e a luta por direitos da criança com base no *anime* *Naruto*.

Após anos e anos sendo uma grande fã de "*Naruto*", e por vezes me perder e me encontrar dentro daquele universo, acompanhando o desenvolvimento dos personagens, me tornei adulta. Uma adulta que ainda não tem certezas, uma adulta que ainda carrega feridas advindas da infância, uma adulta que cura pouco a pouco essas feridas estudando e respeitando as infâncias que virão, uma adulta que deseja ser uma futura professora, uma professora que busca compreender as infâncias pelas diferentes faces em sua diversidade e possibilidade de existir.

Durante o curso de Pedagogia, e ainda mais nos Componentes Curriculares destinados à Infância, refleti sobre a noção de Crianças como sujeito de direitos, ou seja, que seus direitos: o brincar, de ser cuidado, o de ser educado, além das condições que deveriam ser garantidos em sua plenitude. Nesse sentido, Maria Luiza Tonetto e Renan Santos Mattos sistematizam um ponto do o paradigma da criança como sujeito de direitos:

A concepção jurídica de criança enquanto sujeito de direitos está prevista na Constituição Federal, no Decreto 99.710/90, que promulga a Convenção Sobre Direitos das Crianças e, principalmente, no Estatuto da Criança e do Adolescente. Tais normativas surgem como novo paradigma para elaboração de políticas públicas e projetos voltados à criança. Isso significa dizer que as crianças têm formalmente garantido todos os direitos fundamentais da pessoa humana, tais como direito à vida, saúde, alimentação, educação, liberdade, bem como a proteção em face de quaisquer formas de negligência, discriminação, opressão ou exploração, a fim de que lhes seja facultado o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social. (Tonetto; Mattos, 2022, p. 19)

Crescer fã do *Naruto* mobilizou entender diversos assuntos, seja pela simplicidade com que as emoções são retratadas, seja pela leveza dos diálogos. E hoje, enquanto acadêmica, debater as representações sobre a infância me faz refletir sobre a infância de maneira crítica, enquanto objeto de estudo, potencializam compreender as infâncias por outras perspectivas conceituais e educativas.

Há muito para ser explorado, não pela parte fantasiosa (mesmo que seja belíssima), mas pela vivência de muitos personagens que em suas infâncias foram negligenciados, privados de contato e afeto, experimentando frustrações de não serem acolhidos. E o que faz tantas pessoas se identificarem? Minha inquietação parte disso, há algo nas infâncias que está sendo deixado para trás, sendo excluído.

As infâncias que não são vistas, as crianças que não são ouvidas e têm seus direitos negados apesar dos códigos jurídicos.

Como a Pedagogia dialoga com outras formas de ser e existir das crianças? De que maneira a análise das representações contribuem para o estudo das infâncias? Ao explorar novas possibilidades também criam-se novos questionamentos sobre como representar determinado assunto, neste caso, as infâncias e as representações de crianças subalternizadas no audiovisual e nas mídias digitais.

Diante disso, a metodologia deste estudo foi a pesquisa bibliográfica e documental, em que trabalhei com autores como Phillipe Ariès (2011), Sarmento (2001) entre outros autores.

Fonseca (2002, p. 32), destaca que a pesquisa bibliográfica é elaborada:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meio escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Sob esse foco também foi realizada uma análise documental acerca da obra “Naruto Clássico” série de mangá e *anime* criada por Masashi Kishimoto, foram analisados 220 episódios da obra. No que diz respeito às representações, refere Pesavento (1995, p. 22):

Tais representações teriam, na sua concepção, um fundo de apoio na concreticidade das condições reais de existência. Ou seja, as idéias imagens precisam ter um mínimo de verossimilhança com o mundo vivido para que tenham aceitação social, para que sejam críveis. Entende-se que mesmo o fantástico e o extraordinário manejam com dados reais, transformados e adaptados em combinações várias. A própria potência criadora do imaginário não é concebida num vazio de idéias, coisas ou sensações.

Ao estabelecer o diálogo, entre as representações do produto de análise com o contexto histórico e social vivido. A análise documental ainda contará com outras obras ligadas à cultura da infância e também sobre os animes e documentos entre os quais está: A Convenção sobre os Direitos da Criança ONU (1989). Nessa perspectiva Ludke e André (1986, p. 38) afirmam que:

Embora pouco explorada não só na área de educação como em outras áreas de ação social, a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.

Isso demonstra a potência da pesquisa documental para complementar novos aspectos sobre o tema abordado. A obra de Masashi Kishimoto intitulada “Naruto” é uma obra de influência notável, em que todas as áreas foram escritos trabalhos, no campo das Ciências Sociais, na Psicologia, em Relações Internacionais, como veremos mais adiante.

Daniel Costa e Rodolpho Bastos (2022) explicam que anime é o termo ocidental para designar animações de origem japonesa. Nesse sentido, conforme os autores, Naruto foi publicado na revista semanal Weekly Shonen Jump. Além disso, o título do anime em questão faz referência ao seu protagonista Uzumaki Naruto - e acompanha dois momentos: a chamada fase de criança, por volta de seus 12 e 13 anos, e a fase adolescente, aos 16 anos, quando a série passa a ser Naruto Shippuden. (Costa; Bastos, 2022).

Costa e Bastos resumem o enredo do anime nos seguintes termos:

A história se passa num mundo ficcional composto por Shinobis (ninjas), com uma geografia composta por 10 países principais e algumas ilhas. Em cada país existem vilas ou feudos, com leis e líderes próprios. As vilas ocultas se configuram nas forças militares de seus respectivos países. Existem 5 grandes nações, que são a do fogo, da água, do vento, da terra e do trovão. Cada nação tem seus senhores feudais e protegidas por suas vilas ninjas ocultas. Ao líder de cada vila oculta é dado o título de Kage, adicionado ao seu respectivo elemento com o nome da vila, como é o caso da vila da folha (Hokage) que pertence a nação do fogo e lugar onde nasceu e cresceu Uzumaki Naruto. Naruto é um ninja que, ao nascer, teve um demônio depositado no interior de seu corpo (Kyuubi ou Raposa de Nove Caudas). Cada país tem seu próprio demônio de caudas (bijus), às vezes, mais de um, guardados em receptáculos humanos (Jinchurikis) para serem usados como arma militar. Naruto, por ser receptáculo da Kyuubi, inicialmente, foi odiado por todos na Vila da Folha, pois, no passado ela foi libertada de seu antigo receptáculo (Uzumaki Kushina, mãe de Naruto) e atacou e destruiu a vila. (2022, p. 334)

Desse modo, o primeiro capítulo se organiza em dois momentos. O primeiro dedica-se a analisar o conceito de histórico das infâncias e debates para pensar o *anime* e a constituição da infância e a criança como sujeito de direitos. Seguido pelo segundo capítulo que disserta sobre Naruto, o contexto de criação da obra, traz os

conceitos de mangá e *anime*, além de suscitar sobre pesquisas relacionadas ao Universo de Naruto.

Apresentados ao nosso objeto de análise documental, vamos para o próximo tópico deste trabalho: Naruto e as emergências da infância no contexto da exclusão e violência, com os diálogos dos autores Antonio Jakeulmo Nunes (2016), Magda Coeli Vitorino Sales (2016), Maria Luiza Posser Tonetto (2022) e Renan Santos Mattos (2022). Após esses diálogos partimos para a análise, com o recorte das cenas do *anime*, evidenciando os retratos de infância em situação de violências.

Findando, apresentamos as considerações finais em que é feito uma rememoração dos capítulos deste trabalho, bem como, uma breve sintetização sobre o processo de escrita e considerações para a reflexão acerca das infâncias.

2. CONTEXTO HISTÓRICO DAS INFÂNCIAS: DEBATES PARA PENSAR O ANIME

O conceito de infância é um conceito histórico, por isso, mostra-se fundamental o processo de historicização e sistematização. Tendo em vista a proposta de estudo do Naruto, consideramos importante retomar a noção de infância, bem como sua articulação com o processo de globalização à medida que as crianças surgem como público consumidor e de acesso a bens de consumo. Além disso, a análise da obra do Naruto sob o viés documental dimensiona tanto a ampliação de reflexões da formação do pedagogo, bem como o impacto das interrogações que o conceito de infância na dimensão plural como sugere Miguel Arroyo:

Esse parâmetro único, universal de infância, adulto civilizado, moderno não aproximou os desiguais, antes criou um novo padrão de desigualdade que tentou justificar as desigualdades existentes e persistentes. Neste sentido a diversidade perante o padrão único de infância civilizada não apenas se emaranha nas desigualdades já existentes e as reforça, mas tenta ocultá-las, ignorá-las e interpretá-las a partir da aproximação ou distanciamento do padrão único de infância/ adulto civilizados (Arroyo, 2008, p. 139)

Portanto, analisar o debate sobre o conceito de infância passa a ser objetivo da escrita, pois a pesquisa é um convite a olhar para as infâncias e a criança por outras perspectivas sociais, culturais e históricas.

2.1 A INFÂNCIA NO CENTRO DO DEBATE DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Em *História Social da Criança e da Família* (2011), Ariès afirma que:

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se deve à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo (Ariès, 2011, p. 17)

Portanto, Ariès (2011) detalha que a infância, não existia, não havia espaço e tempo para ela, bem como, para as crianças.

Detalha ainda sobre o processo de compreensão da criança como adulto em miniatura e argumenta que,

No mundo das fórmulas românicas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de

tamanho reduzido. Essa recusa em aceitar na arte a morfologia infantil é encontrada, aliás, na maioria das civilizações arcaicas. Ariès (2011, p.18)

Ainda em Ariès (2011, p. 18) detalha a ideia de infância como antecipação da vida adulta. Nesse sentido, afirma que “Isso faz pensar também que no domínio da vida real, e não mais apenas no de uma transposição estética, a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida.” Sendo a infância, vista como algo a ser superado e que não havia motivo para preocupação com ela, pois seria perdida.

Sobre não reconhecer a infância e ter conhecimento da sua singularidade Ariès (2011, p. 99) diferencia conceito de afeição e do sentimento de infância como produto do século XVII e em consonância com os valores burgueses:

O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.

O estudo de Ariès é inaugural no campo historiográfico para romper com a noção da criança como sujeito de falta e inserir no debate epistemológico de ampliação de direitos. Em diálogo com os estudos antropológicos, filosóficos e sociológicos, Sueli Salva e Lucas Martinez (2020) apontam para a ampliação de problematizações e conceitos em torno da infância como categoria social, o que implicou em pensar a sua diversidade e sua potencialidade de criação do novo:

está posta a responsabilidade sobre os adultos, entre eles os profissionais da educação, preservarem o mundo para as crianças, protegendo-as dos perigos, mas aceitando que é com elas que há a possibilidade da transformação do mundo existente. (Salva; Martinez, 2020, p. 62)

Sarmiento (2001, p. 13), sociólogo português, articula a noção da infância como categoria de pesquisa ao afirmar que:

A infância é uma construção social. A afirmação constitui um lugar comum na análise sociológica da infância. Nela se condensa a ideia de que, tendo havido sempre seres humanos entre 0 e 18 anos (idade legal do fim da infância, de acordo com a definição da Convenção dos Direitos da Criança), o estatuto e os papéis sociais que são atribuídos a este grupo geracional mudam com as formas sociais, são historicamente produzidos e, no interior de uma mesma sociedade, são objecto de variação e de mudança, em função de variáveis sociais como a classe social, o grupo étnico etc.

A partir dessa perspectiva, a infância se mostra plural ao longo do percurso histórico e articula-se ao contexto cultural e social. Ao demonstrar que os fatores

sociais são, em sua maioria, determinantes para a definição de infância, conhecemos muito pouco sobre o que as crianças pensam e relatam sobre suas próprias infâncias, o que demarca desafios éticos e estéticos da pesquisa com crianças.

No mesmo sentido, Corazza (2002, p. 88) dimensiona o conceito de infância, visto que as a crianças eram:

[...] percebidas como sendo inferiores na escala social e, por isto não são dignas de consideração[...] as relações pais/filhos são meramente formais; os pais são seres inacessíveis e as crianças inferiores, e, por isto, suas demandas e necessidades não são suficiente valorizadas ao ponto de serem atendidas.

Diante desses aspectos, o autor evidencia como as crianças foram subalternizadas durante muito tempo na história e na consolidação de seus direitos. O cuidado dependia do nível econômico de suas famílias, sendo assim secundarizadas a terceiros. Além disso, a realidade de crianças menos abastadas é marcada pela carência de cuidado, alimentação e moradia e acesso à dignidade. Ao trazer uma particularização dos trajes de adultos e crianças, Ariès (2011, p. 32) detalha, apesar de críticas lançadas a seu estudo por conta das fontes indiretas e restritas ao mundo burguês, o sentimento da infância como uma virada no entendimento da relação adulto e criança:

No século XVII, entretanto, a criança, ou ao menos a criança de boa família, quer fosse nobre ou burguesa, não era mais vestida como os adultos. Ela agora tinha um traje reservado à sua idade, que a distinguia dos adultos. Esse fato essencial aparece logo ao primeiro olhar lançado às numerosas representações de crianças do início do século XVII.

E ainda, conforme Ariès (2011, p. 41), essa diferenciação ficou quase que exclusivamente aos meninos da nobreza e burguesia,

Se nos limitarmos ao testemunho fornecido pelo traje, concluiremos para a particularização da infância durante muito tempo se restringiu aos meninos. O que é certo é que isso aconteceu apenas nas famílias burguesas ou nobres. As crianças do povo, os filhos dos camponeses e dos artesãos, as crianças que brincavam nas praças das aldeias, nas ruas das cidades ou nas cozinhas das casas continuaram a usar o mesmo traje dos adultos: jamais são representadas usando vestido comprido ou mangas falsas. Elas conservaram o antigo modo de vida que não separava as crianças dos adultos, nem através do traje, nem através do trabalho, nem através dos jogos e brincadeiras.

Tal questão é crucial para entender o lugar e as desigualdades que atravessam os territórios de constituição das crianças na sua historicidade. Guerras,

fome, violência, exploração, abandono. Uma história de dor e negação parecem acompanhar a história das crianças no mundo. Frente a essa historicidade, passamos a pensar para além do sentimento da infância e como as crianças emergem como sujeito de direitos com a convenção de 1989.

2.2 A INFÂNCIA E A CRIANÇA COMO SUJEITO DE DIREITOS

Em 20 de novembro de 1989 ocorreu um marco na defesa dos direitos das crianças, a Convenção sobre os Direitos da Criança foi adotada pela Assembleia Geral da ONU. Em 2 de setembro de 1990 entrou em vigor. Foi ratificado por 196 países, sendo o instrumento de direitos humanos mais aceito na história universal. A seguir um trecho do preâmbulo da Convenção sobre os Direitos da Criança:

[...] Conscientes de que a necessidade de proporcionar à criança uma proteção especial foi enunciada na Declaração de Genebra dos Direitos da Criança, de 1924, e na Declaração dos Direitos da Criança adotada pela Assembleia Geral em 20 de novembro de 1959, e reconhecida na Declaração Universal dos Direitos Humanos, no Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos (em particular, nos artigos 23 e 24), no Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (em particular, no artigo 10) e nos estatutos e instrumentos pertinentes das Agências Especializadas e das organizações internacionais que se interessam pelo bem-estar da criança; [...]

Para melhor elucidar, destacamos ainda a “Declaração dos Direitos da Criança” adotada pela Assembleia Geral em 20 de novembro de 1959 e os dez princípios de direito das crianças.

Quadro 1 - Declaração dos Direitos da Criança 1959

Declaração dos Direitos da Criança 1959
PRINCÍPIO 1º A criança gozará todos os direitos enunciados nesta Declaração. Todas as crianças, absolutamente sem qualquer exceção, serão credoras destes direitos, sem distinção ou discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição, quer sua ou de sua família
PRINCÍPIO 2º A criança gozará proteção especial e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidades e facilidades, por lei e por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, de forma sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade. Na instituição de leis visando este objetivo levar-se-ão em conta sobretudo, os melhores interesses da criança.
PRINCÍPIO 3º

Desde o nascimento, toda criança terá direito a um nome e a uma nacionalidade.
PRINCÍPIO 4º A criança gozará os benefícios da previdência social. Terá direito a crescer e criar-se com saúde; para isto, tanto à criança como à mãe, serão proporcionados cuidados e proteção especiais, inclusive adequados cuidados pré e pós-natais. A criança terá direito a alimentação, habitação, recreação e assistência médica adequadas.
PRINCÍPIO 5º À criança incapacitada física, mental ou socialmente serão proporcionados o tratamento, a educação e os cuidados especiais exigidos pela sua condição peculiar.
PRINCÍPIO 6º Para o desenvolvimento completo e harmonioso de sua personalidade, a criança precisa de amor e compreensão. Criar-se-á, sempre que possível, aos cuidados e sob a responsabilidade dos pais e, em qualquer hipótese, num ambiente de afeto e de segurança moral e material; salvo circunstâncias excepcionais, a criança de tenra idade não será apartada da mãe. À sociedade e às autoridades públicas caberá a obrigação de propiciar cuidados especiais às crianças sem família e aquelas que carecem de meios adequados de subsistência. É desejável a prestação de ajuda oficial e de outra natureza em prol da manutenção dos filhos de famílias numerosas.
PRINCÍPIO 7º A criança terá direito a receber educação, que será gratuita e compulsória pelo menos no grau primário. Ser-lhe-á propiciada uma educação capaz de promover a sua cultura geral e capacitá-la a, em condições de iguais oportunidades, desenvolver as suas aptidões, sua capacidade de emitir juízo e seu senso de responsabilidade moral e social, e a tornar-se um membro útil da sociedade. Os melhores interesses da criança serão a diretriz a nortear os responsáveis pela sua educação e orientação; esta responsabilidade cabe, em primeiro lugar, aos pais. A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito.
PRINCÍPIO 8º A criança figurará, em quaisquer circunstâncias, entre os primeiros a receber proteção e socorro.
PRINCÍPIO 9º A criança gozará proteção contra quaisquer formas de negligência, crueldade e exploração. Não será jamais objeto de tráfico, sob qualquer forma. Não será permitido à criança empregar-se antes da idade mínima conveniente; de nenhuma forma será levada a ou ser-lhe-á permitido empenhar-se em qualquer ocupação ou emprego que lhe prejudique a saúde ou a educação ou que interfira em seu desenvolvimento físico, mental ou moral.
PRINCÍPIO 10º A criança gozará proteção contra atos que possam suscitar discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza. Criar-se-á num ambiente de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal e em plena consciência que seu esforço e aptidão devem ser postos a serviço de seus semelhantes.

Fonte: Unicef (1959)

Diante deste quadro podemos ver a tentativa de uma inclusão de infância global, com direitos humanos em pauta, pós guerra, onde todas as crianças estão asseguradas de direitos básicos juridicamente. Sendo ainda nos dias de hoje, o conjunto mais influente no que diz respeito aos direitos das crianças, porém como

cita Sarmiento (2000, p. 14) “Há várias infâncias dentro da infância global, e a desigualdade é o outro lado da condição social da infância contemporânea.” Dentre tantas infâncias, as advindas da desigualdade são as mais precarizadas, onde os direitos mostrados acima não chegam, não surtem efeitos, quiçá são conhecidos.

Fúlvia Rosemberg e Carmem Mariano discorrem sobre o contexto internacional de construção dos direitos da criança. Nesse sentido, as autoras mapeiam os movimentos e tensões relacionados a esse processo sobre a proteção da criança e o papel do adulto. E apontam que:

Tem caráter mandatório (art. 4o), contém maior número de artigos do que a relação à Declaração de 1959 (59 artigos) que contemplam, na linguagem dos direitos humanos: direitos civis e políticos; econômicos, sociais e culturais; direitos especiais (proteção). Cabe lembrar que os direitos civis são aqueles necessários para garantir a liberdade individual e abarcam liberdades de: expressão, opinião, consciência e religião, associação, reunião pacífica e direito ao respeito à vida privada. São também conhecidos como direitos negativos, pois asseguram a proteção dos indivíduos diante de abusos que o Estado possa cometer. Nesse sentido, a Convenção, ao conferir um estatuto jurídico à criança, abre-lhe a possibilidade de pleitear sem ser representada por seu tutor legal (Rosemberg, Mariano, 2010, p. 711)

Ao apontarem a tensão sobre a relação entre proteção e liberdade, as autoras indicam essa relação marcada por desigualdades e hierarquização, por conta disso, chamam atenção para os riscos das normativas e legislações como formas de implicarem em opressão e controle. Por fim, concluem que:

A concretização de direitos de liberdade para crianças e adolescentes extrapola as relações interpessoais, adentrando as instituições e os diversos setores da vida em sociedade. Direito de participação sem canais, sem transporte coletivo para circular, sem espaços para isto destinados, sem informação disponível? Assim, os direitos de liberdade da criança se veem também ressignificados pelos limites determinados pelas políticas públicas e pelos riscos reais derivados de nós adultos e das instituições que criamos, ao impingirmos à infância uma posição de subordinação. Sem uma análise consistente das relações de dominação, inclusive (e sobretudo, mas não exclusivamente) as etárias, declarações, estatutos ou convenções dos direitos das crianças podem gerar dispositivos que ampliam o poder adulto. (Rosemberg, Mariano, 2010, p. 721)

Por outro lado, a globalização³ implicou em novas questões para analisar os direitos da criança. Sarmiento (2001, p. 14-15) reflete as tecnologias e os impactos sobre as noções da infância e o que é ser criança:

No entanto, na sociedade globalizada em que vivemos, a "norma" da infância tende a estabelecer-se de forma universal, por efeito das políticas públicas e das organizações internacionais, mas também pela disseminação de imagens dominantes que fazem da infância uma categoria geracional distinta. Deste modo, ao afirmar-se a construção social da infância não se está apenas a declarar que a infância é um produto da história e não da natureza - ainda que também se afirme isso, mas que ela é objeto (e também sujeito) da sua contínua construção. Este não é um aspecto inacabado, mas um processo contínuo de investimento de papéis sociais para as crianças, de elaboração de sistemas representacionais, crenças e imagens sobre o que é ser criança e de determinação de identidades colectivas para a geração.

Dessas palavras, compreendemos que a infância ainda se encontra em processo ativo de construção, porém, com as crianças recebendo seus “papéis sociais”, onde tudo é feito para elas consumirem, existirem mas não partindo delas. A infância ainda é destacada por Sarmiento (2000, p.10):

É um lugar, um entre-lugar, socialmente construído, mas existencialmente renovado pela acção colectiva das crianças. Mas um lugar, um entre-lugar, pré-disposto nas suas possibilidades e constrangimentos pela História. É, por isso, um lugar na História. Convém, assim sendo, marcar o ponto geodésico da história deste lugar.

É nesse horizonte, que as ciências sociais demarcam as potencialidades de análise sobre a infância como categoria. Sarmiento (2005, p. 363) destaca sobre o conceito de sociologia da infância:

[...] a sociologia da infância propõe-se a interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças como objecto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo acrescer o conhecimento, não apenas sobre infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada. A infância é concebida como uma categoria social do tipo geracional por meio da qual se revelam as possibilidades e os constrangimentos da estrutura social. [...]

Para Machado; Brostolin, (2022, p. 57), “O reconhecimento das especificidades da criança pela Sociologia da Infância coloca a criança como um sujeito pleno, que tem uma lógica própria diferente do adulto e não inferior a ele.” Já a globalização da infância segundo Sarmiento (2001, p. 15):

³A globalização (ou, mais apropriadamente, conforme adiante esclareceremos, as globalizações) operam a diferentes níveis, mas pode-se afirmar que ela age a partir de dois pólos: o da difusão universal de uma ideia do que é "o melhor interesse da criança" e a implicação que a maior desigualdade gerada pela globalização económica gera no grupo geracional infantil. (Sarmiento, 2001, p. 15).

[...] a globalização da infância é hoje a resultante de processos políticos (por exemplo, por efeito da regulação introduzida por instâncias como a Unicef, a OIT etc.), processos económicos (por exemplo, a criação de um mercado global de produtos para a infância), processos culturais (por exemplo, a influência dos mitos infantis criados a partir das séries internacionais de televisão) e processos sociais (por exemplo, a institucionalização dos quotidianos da criança ou a difusão mundial da escola de massas).

A partir disso, conforme o debatido, discutir sobre a infância, a proteção e o contexto social ganha relevância para articular e problematizar o conceito de infância como dispositivo de poder. Nesse sentido, Anete Abramowicz e Tatiane Rodrigues (2014) conceituam a infância como dispositivo que normatiza visões universais, generalizantes sobre a criança a partir do pensamento ocidental. Logo, “o dispositivo da infância atua de maneira capilar sobre a criança, produzindo-a, sem que a própria criança tenha condições de se interrogar sobre ela” (Abramowicz; Rodrigues, 2014, p. 466). Portanto, problematizar infâncias subalternizadas a partir do *anime* não só dialogam com os valores presentes no consumo capitalista, como também provocam a evidenciar formas plurais de viver a infância. Diante disto, o trabalho dedica-se a apresentar a história de Naruto e suas possibilidades de pesquisa nas ciências sociais e humanas.

3. NARUTO E INFÂNCIAS SUBALTERNIZADAS: APROXIMAÇÕES E DESCONTINUIDADES

Como ponto central é importante ressaltarmos que a globalização tanto ampliou as trocas culturais quanto ampliou desigualdades regionais. A ampliação tecnológica e as demandas de consumo implicaram na produção de bens culturais para atender essa demanda. Portanto, passamos a discorrer sobre reflexões que o *Anime* Naruto apresenta frente aos seus desdobramentos na sociedade capitalista e globalizada. Estas discussões também dimensionam a relação das infâncias e a sociedade de consumo.

3.1 MANGÁ E ANIME

No presente trabalho lidamos com os termos mangá e *anime*, embora os dois tratam da mesma história, diferenciam-se por suas características próprias de linguagem. Mangás são as histórias em quadrinhos japonesas que podem ser impressas ou lidas de forma online, como destaca Vasconcellos:

Os mangás são divididos em vários tipos, sendo segmentados por sexo (feminino e masculino), gênero (tipo de história - terror, fantasia, ficção etc.) e faixa etária: há, portanto, revistas voltadas para crianças, tanto didáticas como de lazer, para moças e rapazes, jovens e adultos, cada qual com características diferenciadas quanto ao conteúdo da história. Os temas dos mangás são bem variados de acordo com o público-alvo, sendo possível encontrar cenários de fantasia medieval, contos de fadas, cotidianos ou de fantasias cyberpunks futurísticas, temas estes bem característicos das produções pós-modernas. (Vasconcellos, 2006, p. 62)

Vale ressaltar que o *Anime* Naruto foi produzido alguns anos após a publicação dos mangás. No que diz respeito a *animes*, são as animações japonesas, que muitas vezes são advindas dos mangás. Essa categorização é destacada por Paris:

A palavra “anime”, de uma forma geral significa animação. É o termo utilizado pelos orientais para representar qualquer tipo de animação, entretanto, para os ocidentais corresponde somente aos desenhos animados produzidos no Japão. Já a palavra mangá, “imagem a partir de si mesma”, no Japão refere-se aos quadrinhos, cartum, caricaturas, porém para os fãs destas mídias, passou a representar as revistas de origem japonesa, provavelmente pelo seu diferencial em sua forma de escrita, desenho e leitura. (Paris, 2019, p. 19)

Essa distinção se faz necessária, pois apesar de o mangá ter sido lançado no ano de 1999, o nosso objeto de estudo é o *Anime* que foi adaptado para mídias televisivas em 2002. Desse modo, a produção cultural destaca-se na falta de recursos no período anterior à guerra e também pós guerra, resultando em alternativas para a remodelação das animações, de acordo com Sato (2002 *apud* Gorgatti, 2011, p. 3):

O custo de produzir, filmar e mixar com os efeitos sonoros 24 desenhos sequenciais por segundo é muito elevado. Antes da guerra, num país em crise com dificuldade de ter alimentos, comprar celulósio e tinta era um luxo. A necessidade fez Tezuka reduzir os custos ao expor 12 desenhos por segundo, o que tornou a produção comercialmente viável. A partir da década de 60, a animação se tornou indústria.

Gorgatti (2011, p. 3) enfatiza ainda que:

[...] a comunicação que servirá como elo que perpassa os vários produtos teóricos e respectivas teorias que a exigem. Com o advento da Revolução Industrial e a passagem do século XIX para o XX, surgem os Meios de Comunicação de Massa, que são as diversas formas industrializadas de produzir informação e entretenimento para a sociedade de consumo, como o cinema, o rádio, o livro, a publicidade, a televisão e sua diversidade de programação até a atualidade como o computador e acesso à internet.

Os *animes* obtiveram grande popularidade nos anos 90, acompanhados de uma nova visão mundial de integralização. Com o “boom” da Globalização o Japão se torna também uma influência no ocidente, como destaca Sato (2007, p. 11):

Desde a década de 1990 um Japão estilizado, virtual e tecnológico vem influenciando e alterando a estética, o comportamento e até mesmo valores no ocidente. Se antes o Japão era objeto de estudo de uma restrita comunidade de pesquisadores e de homens de negócios, hoje a influência nipônica atinge cidadãos comuns de diferentes heranças culturais em diversas partes do globo.

Torna-se perceptível a mudança global em relação à cultura nipônica e expansão de estudos originados da mesma e atrelado a isso trazemos a seguir o contexto da obra objeto de estudo, *Naruto Clássico*.

3.2 NARUTO: CRIAÇÃO E CONTEXTO DA OBRA

Naruto Clássico foi escrito e ilustrado por Masashi Kishimoto sendo lançado em 1999 pela revista japonesa *Shōnen Jump*, após o sucesso de venda dos mangás, em 2002, foi animado pelo Studio Pierrot e transmitido primariamente no Japão pela TV Tokyo.

Por se tratar de um *anime* de gênero Shounen, ou seja, voltado para o público masculino de (8 e 18 anos), geralmente retrata a jornada de um jovem protagonista vivendo aventuras, lutas e superação. O autor inspirado pela cultura asiática introduziu deuses e mitologias além de traços da sua própria personalidade e percepções suas enquanto criança sobre os adultos.

Naruto Clássico é composto por 220 episódios e é organizado em nove temporadas. Em sua primeira temporada somos apresentados ao jovem Naruto, sua personalidade, seus comportamentos, para nos trazer entendimento do porquê de suas ações. O autor usa o recurso de “flashbacks” ⁴para mostrar os acontecimentos do nascimento do protagonista e a relação do mesmo com a aldeia ninja⁵. É possível compreender a exclusão e a rejeição da aldeia perante ele. Naruto por anos ficou à margem da sua própria situação e descobre a natureza de tais comportamentos da sociedade para com ele.

Posterior a apresentação do protagonista somos encaminhados para o cotidiano da Academia Ninja ⁶, em que conhece seus companheiros, formando um time de três Genins⁷: Naruto Uzumaki, Sasuke Uchiha (seu amigo e rival) e Sakura Haruno e um Sensei de nível Jōnin ⁸ Kakashi Hatake. Juntos vão executando designadas missões (tarefas) necessárias para a manutenção da aldeia, até o desfecho da temporada que é o Exame Chunin⁹. Uma prova dividida em três etapas e que reúne genins de diversas aldeias buscando a aprovação para o nível de Chunin.

⁴ Os “flashbacks” são usados durante toda a trama para compreensão do desenvolvimento dos personagens dentro do *anime*.

⁵ Local onde Naruto e outros ninjas habitam, também chamada de “Vila”.

⁶ Escola para ninjas.

⁷ Ninja iniciante.

⁸ Ninja de alto nível.

⁹ Prova que concede o grau de ninja intermediário.

A segunda temporada inicia-se com a segunda parte do Exame Chunin em que outros times de diferentes aldeias competem pela aprovação Chunin. Naruto e seus companheiros são duramente testados durante toda a jornada e a rivalidade entre ele e Sasuke cresce. Apenas alguns personagens são classificados para as lutas corpo a corpo de duplas.

Na terceira temporada, Naruto começa um novo treinamento, com o sensei Jiraiya para ajudar na finalização do Exame Chunin nas lutas corpo a corpo, mas eventos que estavam ocorrendo paralelamente tomam a frente. A tentativa de invasão da Aldeia e lutas estouram em diversos pontos. Naruto e outro Jinchuuriki acabam em um confronto de proporções gigantescas.

Segue o confronto na quarta temporada, Naruto contra Jinchuuriki e os ninjas da aldeia contra os ninjas invasores. O Hokage que também estava em confronto acaba morrendo e protegendo a vila, os invasores fogem e um novo Hokage precisa ser escolhido.

O novo sensei de Naruto é escolhido como próximo Hokage, mas nega o cargo e indica sua colega. Nukenins¹⁰ de uma organização criminosa vão atrás de Naruto por ser um Jinchuuriki e possuir a Nove Caudas¹¹, seu antigo sensei Kakashi relembra que foi lhe pedido cuidado ao Naruto por conta do interesse de criminosos em raptá-lo, lutando contra os mesmos acaba extremamente debilitado. Um dos nukenins é irmão mais velho de seu companheiro de time, Sasuke. Quando o nukenin persegue Naruto fora da vila e Sasuke descobre sobre o retorno de seu irmão nukenin e o interesse dele em Naruto, sai transtornado em busca de vingança contra o mesmo, lembrando do assassinato de seu clã cometido pelo irmão.

Mais adiante na quinta temporada, Sasuke muito ressentido do encontro com seu irmão, e convencido de sua “falta” de habilidades ao ver a evolução de Naruto sente-se muito frustrado. Em um encontro dos dois, ambos atacam-se de forma brutal, Kakashi chega a tempo de impedir o pior e tenta convencer Sasuke de que vingança não é a única solução, porém o mesmo deserta da vila em busca de poder com ninjas mal intencionados.

¹⁰ Ninjas renegados, por deserção ou crimes.

¹¹ Fonte de grande poder.

Seus colegas de Academia Ninja são escalados para o resgatarem e o trazerem de volta à vila. Naruto e sua companheira Sakura ficam muito abalados com a situação. Sasuke acredita estar sendo levado para conseguir mais poder, porém o objetivo era usar seu corpo como um receptáculo de outro ninja. Assim, diversas lutas são travadas para trazê-lo de volta, companheiros da aldeia ferem-se gravemente até que Naruto consegue alcançar Sasuke. E eles lutam.

Na sexta temporada, em meio a batalha, nas memórias de Sasuke, ele relembra quando seu clã e sua família foram mortos por seu irmão. Neste dia, seu irmão lhe disse que precisaria ficar muito mais forte para vingá-los e para desenvolver o poder dos Uchihas, o Mangekyo Sharingan¹², ele teria que matar seu melhor amigo. Voltando ao presente Sasuke diz a Naruto que vai matá-lo por esse motivo.

Ainda em combate, Naruto tenta convencer Sasuke a parar. Disposto a tudo para parar seu amigo, utiliza do poder da Nove Caudas enquanto seu companheiro que havia recebido uma marca da maldição¹³ ativa o estágio dois dela, liberando uma enorme concentração de Chakra¹⁴ chegando muito próximo de matar seu amigo Naruto. Mas, desiste e parte em busca de mais poder, de seu próprio modo.

Naruto ainda enfraquecido pela batalha recusa o convite feito pelo seu sensei Jiraiya, para viajar e treinar por três anos, afirmando que precisa salvar Sasuke. Este que por sua vez, chega ao seu destino buscando poder. Enquanto isso, os nukenins discutem sobre o que fazer a respeito do Jinchuuriki. Sakura, Jiraiya e Naruto partem em uma missão para resgatar Sasuke, sem sucesso, regressam à aldeia. Sakura se torna aprendiz de Tsunade para aprender o ofício de ninja médica.

A sétima temporada, é constituída de episódios fillers¹⁵ em que diferentes tramas vão se desenrolando. A aldeia sofre um ataque em que Naruto e companheiros lutam contra o líder do grupo. Seguindo as diferentes tramas os ninjas

¹²Poder visual que concede ao usuário habilidades únicas.

¹³ Um selo amaldiçoado que concede poder e chakra adicional ao usuário.

¹⁴ É a fonte de poder que permite os ninjas executarem diversas técnicas dentro do *Anime*, sendo uma combinação de energia física (do corpo) e energia mental (a mente).

¹⁵ Os episódios fillers são conhecidos por serem “histórias extras” que não estavam no mangá, sendo produzidos para preencher espaço e também para aprofundar o passado de alguns personagens.

investigam relatos sobre um fantasma e ainda sobre os experimentos de Orochimaru, o ninja que anteriormente convenceu Sasuke a sair da vila. Encaminhando para o fim da temporada, Naruto descobre que Neji, Lee e Tenten foram enviados para uma missão de proteção a uma estrela de chakra. Desconfiado que Orochimaru está por trás das tentativas de roubo, pede a Hokage para que possa se juntar a eles.

A oitava temporada também conta com uma série de fillers, há tramas e histórias diferentes da sequência do mangá. Naruto ajuda um de seus companheiros que teve problemas com seu cachorro que contraiu uma bactéria, assim como outro companheiro que foi afetado por uma poção do riso. Há, também, uma missão de escolta com outro time.

Outro companheiro de Naruto cria um espaço de treinamento para melhorar suas técnicas enquanto recupera-se. Há uma missão que o leva a fenômenos sobrenaturais juntamente com outros ninjas e a continuação do processo de recuperação do companheiro de Naruto. Para o fechamento da temporada, Naruto conhece uma ninja capaz de tornar seus desenhos em realidade.

Na nona temporada os fillers também se fazem presentes, episódios em que Naruto e dois companheiros em uma missão transportam um criminoso para outro país, para seu julgamento. E agora com diferentes companheiros, tentam ajudar uma jovem ninja a trazer de volta suas memórias.

Finalizando a temporada, temos Naruto lutando com seus companheiros e auxiliando ninjas de uma aldeia vizinha contra os Homens dos Quatro Símbolos Celestiais. Retornando dessa batalha, Ino junta-se a Sakura para ser estudante de Tsunade. Naruto toma a decisão de viajar e treinar com seu Sensei Jiraiya e eles partem nessa jornada.

Retomando sobre os eixos de criação da obra, em 2014, a revista francesa “Kaboom” publicou uma entrevista com Masashi Kishimoto. Por meio desta, o autor demonstrou que o cenário pós guerra em que o Japão se encontrava, com o capitalismo o levou a uma estabilidade confortável, e o que podia fazer é retribuir com gratidão e obediência.

Em outro momento da entrevista, o autor destaca: *“Eu era uma criança muito obediente e nunca contestava a autoridade de adultos, meus pais ou até mesmo meus professores. Suas palavras eram verdade para mim e nunca me questioneei. Muito naturalmente, essa parte de mim entrou em meus personagens”*. (Entrevista com Masashi Kishimoto, 2014). Podemos compreender que a organização social é adultocêntrica e que reflete no processo criativo de maneira quase intuitiva para retratar crianças e suas infâncias. Destacamos ainda, em outro momento da entrevista o posicionamento do autor em relação a escrita da obra e a sua vida pessoal:

Eu silenciosamente observei as contradições nos discursos dos adultos e simplesmente não expressei minha opinião. Nas meus mangás, claro, eu expresso minha opinião. Eu expresso minha opinião com mais clareza, com mais liberdade, já que escrevo a história do mundo que criei. Isso é um pouco covarde, talvez (risos). Eu não vou dizer que sou anarquista, sou uma pessoa bastante obediente, fora das minhas histórias. (Entrevista com Masashi Kishimoto, 2014)

Mesmo em suas histórias, suas influências caminham juntas, tanto com personagens “bonzinhos” e obedientes que remetem ao que o autor viveu enquanto criança em sua infância, como a chance de expressar de fato, o que pensava enquanto criança.

3.3 UNIVERSO NARUTO E AS PESQUISAS

Para a elucidação do porque uma obra japonesa movimentou tantos estudos em diversas áreas, além das motivações já elencadas, destacamos as seguintes pesquisas: *A narrativa do herói: um mito chamado Naruto*, de Francisco Alves da Silva (2019), uma dissertação que analisa o processo da construção do herói a partir do *Anime* e explora os potenciais de *animes* e mangás da cultura japonesa em consonância com o mercado que consome no Brasil. Conforme Silva (2019, p. 80):

Como é possível notar, a narrativa de Naruto nos permite pensar sobre algumas questões importantes, inclusive sobre nós mesmos. Ao discutir Naruto, por vezes, se não na maioria das vezes, é como se estivesse refletindo a mim mesmo: tudo que Naruto passou até se ver em batalhas e superar os medos e desafios também me parece ser o destino o qual me guia nessa jornada instigante.

O autor destaca a proximidade que Naruto cria, motivado ou não por quem o vê. Esse processo gera outros questionamentos, instigando novas investigações

com as diversas temáticas que o *anime* apresenta. Diante do exposto o autor em questão conclui que *Naruto* é como uma ponte, que amplia a nossa capacidade de leitura sobre os mitos, uma aproximação entre o oriente e o ocidente e para além quebrar as barreiras que a academia ainda resiste em relação aos *animes*.

Já o artigo intitulado: *A incompletude constitutiva do sujeito e o reconhecimento de si: o mangá Naruto como metáfora para (re)pensar a condição humana* de Francisco Vieira Silva e Diego Rodrigues da Silva (2021), busca a partir dos recortes do mangá *Naruto*, analisar a condição humana enquanto constituição do sujeito e as implicações da necessidade de reconhecimento.

Em outras palavras, nossa vida é uma escolha que vem com um preço. O que nos une, também separa. Tal sentença chega a todas as esferas de nossa condição: a linguagem unifica o humano, as línguas o separam; nos unimos pela cultura e nos separamos por culturas. O que nos une é a vida, o que nos separa é a morte. Somos contraditórios: amamos e odiamos, desejamos e enojamos, tudo ao mesmo tempo. (Silva; Silva, 2021, p. 199)

Enquanto seres humanos e sociais, nos aproximamos e afastamos, nos reconhecemos e ao mesmo nos diferenciamos e que as representações colaboram para o entendimento de toda essa condição. Desse modo, atrelado a essa discussão os autores concluem que a ação do outro tem efeito em nós, enquanto ação constitutiva, que necessitamos do outro, e de como *Naruto* entendeu que o que faz um rio grande, são os outros rios pequenos.

Já o autor Diego José da Silva (2024) em sua dissertação “*Representações dos meios de violência no mangá Naruto, de Masashi Kishimoto*” discorre sobre os meios de violência presentes no Mangá, violência do Estado, sobre a violência estatal, a violência física e também psicológica e sobre o enfrentamento da dor e como as representações embora, em universo ficcional se assemelham a vida real.

Como destacado pelo próprio autor: “As reflexões principais mobilizadas pelo mangá *Naruto* nessa dissertação versam sobre a violência interna do mangá *Naruto* desde o início dessa dissertação foi sempre a violência interna, ou melhor, o plano de imanência que permeia a todos os personagens da obra.” (Silva, 2024, p. 66)

Sendo assim, o autor expõe, à luz das teorias, algumas das representações de violência expostas em *Naruto* e como a obra trata de fazer esse diálogo sobre a realidade em relação aos ciclos de violência e a dor humana.

Considerando as problemáticas elencadas e a pluralidade de interpretações, a reflexão sobre as infâncias excluídas no universo de Naruto dialoga com o debate sobre mudanças culturais e políticas do mundo pós-globalização. Ainda é possível repensar sobre a construção dos direitos da criança e do adolescente. Portanto, liberdade, obediência, criação, bem como a relação com o adulto orbitam o universo construído por Masashi Kishimoto. Por fim, passamos a analisar os episódios do anime.

4. NARUTO E AS EMERGÊNCIAS DA INFÂNCIA NO CONTEXTO DA EXCLUSÃO E VIOLÊNCIA

Guerras, exploração do trabalho, falta de uma casa, saúde, educação. A instabilidade assola a história das crianças e adolescentes. Marilena Chauí (2011) delimita a violência como estruturante. O primeiro ponto a ser destacado corresponde que a violência envolve hierarquização e assimetria de poder, bem como a sujeição do outro. A autora ainda sintetiza a violência como o oposta à ética, pois a violência:

1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror (Chauí, 2011).

A partir dos relatórios da Organização Mundial da Saúde (OMS), Antonio Jakeulmo Nunes e Magda Coeli Vitorino Sales (2016, p. 872) apontam que a violência infantil abarca “abuso físico, sexual, emocional ou psicológico e negligência, os quais podem resultar em danos físicos, psicológicos; prejuízo ao crescimento, desenvolvimento e maturação das crianças”, o que desafiam os países a consolidarem a proteção e efetividade desses direitos.

Como destacado em “Infâncias e necropolítica: Reflexões sobre a criança como sujeito de direitos em tempos de pandemia” de Maria Luiza Posser Tonetto e Renan Santos Mattos (2022) houve um esforço no meio legal nacionalmente e internacionalmente aos direitos das crianças em 1990 embora o perfil que buscava-se proteger era único e tradicional. Ou seja, de homens brancos ricos e heterossexuais, o que leva à reflexão de que é uma forma de falar de proteção sem de fato, proteger.

Destaca ainda Tonetto e Mattos (2022, p. 27):

[...] percebe-se que, apesar de diferentes movimentos introduzirem a pauta da criança no campo dos direitos humanos, eles - em sua aplicação - não são pensados por e para as crianças, o que impossibilita o reconhecimento de diversos direitos fundamentais e, na mesma medida, impede que direitos já reconhecidos sejam garantidos pelo Estado.

As leis foram criadas “para” as crianças não levando em consideração a participação da criança enquanto sujeito, mas da criação de um ser que se tornará um adulto e assim poderá se tornar um ser de direitos. Portanto, como escreve Anete Abramowicz (2020), a respeito da constituição da noção de criança e seus direitos, enquanto território disputado e com fins de controle. A autora conclui

A história da criança é a história do horror, da morte, da pobreza, da miséria, do trabalho, do infanticídio, pois elas estão totalmente à mercê do mundo dos adultos, um mundo adultocêntrico; e, por vezes, aqueles e aquelas que as protegem – seus pais, os adultos, o Estado – também as destroem (2020, p. 9).

Sarmiento (2000, p. 20) demonstra sobre o cuidado da infância:

Entre a criança desejada, que se quer livre, amada, espontânea, sonhadora e depositária do futuro e da esperança, e a criança rejeitada, abandonada ou enviada para as instituições de custódia, perturbadora do cotidiano dos adultos, comprada e seduzida, mas, ao mesmo tempo, temida na turbulência que leva à escola ou à família; entre a criança romântica e a criança da crise social; entre a criança protegida e a criança violentada; entre a criança vítima e a criança vitimadora; entre as crianças de Birmingham e as crianças de Liverpool; entre uns e os outros, afinal, há um universo inteiro de diferenças, sem que, todavia, se dissipe e nessa diferença uma marca distintiva essencial: é sempre de crianças que estamos a falar e é irredutível ao mundo dos adultos a sua identidade.

Voltando aos personagens. O personagem Naruto Uzumaki que tanto chama atenção pelos seus temas sensíveis que causam reflexão entre os telespectadores, traz uma infância marcada pelo abandono, isolamento social e estigma de rejeição. A seguir uma breve introdução, segundo Silva (2019, p. 2):

Naruto é um mangá cuja trama se inicia após a invasão da Raposa Demônio de Nove Caudas à Aldeia da Folha, evento que acarretou na destruição de parte da aldeia e na morte de muitos shinobi. Dentre estes shinobi, está o Quarto Hokage, líder da aldeia que, antes de morrer, para derrotar a Nove Caudas, selou seu espírito no corpo do recém-nascido Naruto, protagonista que dá nome à história. A destruição que a Raposa causou marca Naruto como um perigo a ser temido pelos aldeões, e, por isso, ele é rejeitado, excluído e oprimido por aqueles à sua volta. Tendo crescido sem ter o acolhimento e apoio necessários a uma criança, para fazer com que os aldeões da Folha o respeitem e reconheçam sua existência, Naruto dedica sua carreira shinobi para se tornar o mais forte de sua aldeia e, eventualmente, o próximo Hokage.

O autor, destaca ainda que “Diferente do arquétipo comum de herói, Naruto é um protagonista rejeitado por todos, cujo traço que o diferencia não é o que o torna especial, mas sim o que o deixa à margem da sociedade” (Silva, 2019, p.2). Mesmo nas condições adversas, Naruto demonstrava leveza e entusiasmo para viver a vida, sendo essa uma forma encontrada por ele de lidar com os problemas.

Quase todas as infâncias de Naruto, embora uma animação ficcional, expressam sentimentos profundos e pertencentes à condição humana. O luto, a dor, o abandono, a rejeição, a exclusão, a orfandade buscam promover comoção, aceitação e identificação. E, portanto, dialogam com formas de violência e exclusão.

Para o aprofundamento da análise sobre as infâncias foi realizada uma análise documental da obra “Naruto Clássico”, composta de 220 episódios. Registramos o desenvolvimento das crianças frente à sociedade, com ênfase nos personagens principais do enredo e os dilemas característicos de sua inserção no mundo dos Ninjas. Em um primeiro momento, destaca-se os personagens: Naruto, Gaara, Sasuke e Neji, posteriormente o personagem: Kakashi. Suas infâncias são acompanhadas da orfandade, exclusão, rejeição e aversão que em nossa leitura edificam uma pluralidade de experiências e aprendizagens das crianças.

Desse modo, o anime retrata como cada personagem lidou com suas feridas, alguns se perderam em ódio contra a sociedade, como no Provérbio Africano: “A criança que não é abraçada pela sua aldeia mais tarde irá incendiá-la para sentir o seu calor.” Em contrapartida, há personagens que escolheram não se vingarem e lutaram por sua aceitação, de forma exaustiva, como o próprio Naruto.

Portanto, os personagens citados indicam possibilidades de debate público sobre experiências de exclusão, abandono que passamos a considerar com base na trajetória dos personagens: Naruto, Gaara, Sasuke, Neji e Kakashi. Diante dessa pluralidade de experiências das crianças do anime, o trabalho aborda a relação entre infância, exclusão e violência por conta da inexistência de pertencimento familiar.

4.1 O RETRATO DAS INFÂNCIAS EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Para esta análise, após a análise dos 220 episódios, foram selecionados seis momentos que dialogam com as perspectivas deste trabalho. Os episódios estão em temporadas distintas e não seguem uma ordem cronológica. Todas as cenas retratam algum tipo de violência cometida contra as crianças presentes no *anime*.

Naruto, protagonista do *Anime*, sendo jinchuuriki de uma besta de caudas¹⁶, se vê em uma aldeia que não o acolhe, não o respeita e o despreza. Nas suas primeiras aparições fica evidente a falta de compreensão dele sobre tais comportamentos, uma vez que o mesmo, enquanto criança não tinha conhecimento dos fatos de seu nascimento, os quais mudaram o curso da aldeia.

Em diversos momentos da trama, questiona o porquê de sua vida ser assim, e o que fez de errado, desejando ter um pai e uma mãe. Isso nos faz pensar o quanto a ficção pode assemelhar-se à vida real de algumas crianças.

Em sua etapa escolar, Naruto vê uma oportunidade de criar laços, mas a maioria das crianças não o aceitavam pelo preconceito de suas famílias. Dessa forma, recorre as travessuras, os gestos inadequados e as brincadeiras para chamar atenção. Seu sonho de ser Hokage reflete a necessidade de ser incluído, visto e respeitado por todos da aldeia.

Figura 1 - Naruto limpando o Monumento dos Hokages¹⁷, episódio 1 temporada 1.



Fonte: <https://www.imdb.com/title/tt0409591/episodes/?season=1>

Essa imagem retrata Naruto limpando o monumento dos Hokages pois havia os pintado por travessura e seu Sensei Iruka o acompanhava dizendo que o mesmo

¹⁶ Portador de uma grande fonte de poder, uma “existência” ameaçadora.

¹⁷ Monumento dos Hokages é uma estrutura de grande importância na “Aldeia” pois retrata os rostos dos comandantes da mesma.

só iria para casa depois de limpar tudo. Naruto não demonstra preocupação e diz que não se importa, pois não há ninguém esperando por ele em casa. Iruka sente-se mal e o convida para comer lámen após ele terminar.

Essa cena retrata uma das primeiras demonstrações de Naruto em relação a seus pais, carregada de sentimentos. A título de curiosidade, o rosto de seu pai estava nesse monumento, pois ele foi o 4º Hokage, mas Naruto, é claro, foi privado de saber disso.

A cena escolhida está presente no episódio 1 da temporada 1, que nos apresenta as circunstâncias de sua vida. Desde as travessuras que fazia para chamar atenção, o tratamento hostil que a vila tinha com ele, até a sua personalidade alegre, otimista, e por vezes, ingênua. Naruto evidencia suas convicções de ser um grande ninja para não sofrer mais. Em certo momento do episódio um ninja que tentava conseguir mais poder de maneira “errada”, usa da ingenuidade de Naruto e o convence de roubar um pergaminho que continha instruções sobre técnicas proibidas, ludibriado pela esperança de ser aprovado por seu Sensei Iruka. Naruto rouba o pergaminho. A partir daí, um grande conflito se desenrola, ele descobre as circunstâncias de seu nascimento, as tragédias que mesmo não sendo sua culpa recaíram sobre ele, bem como o grande poder que possuía e assustava a vila. O ninja que usou dele para roubar, tenta fazê-lo acreditar que seu Sensei o odeia. Ele entra em um colapso mental, desacreditando de tudo que sabia até então. Seguimos com o episódio na Figura 2.

Figura 2 - Iruka protege Naruto do ataque de uma Shuriken, episódio 1 temporada 1.



Fonte: <https://naruto.fandom.com/>

Essa foi a cena do diálogo escolhida para ser citada na introdução deste trabalho, onde Iruka demonstra seus sentimentos em relação ao seu aluno e o protege.

Depois de algum tempo de luta em que Naruto via-se desacreditado, seu Sensei o protege de um ataque dando a ele tempo para fugir. Naruto foge e esconde-se e escondido ouve seu Sensei dizer que o aceita e o admira. Diante disso, ele volta para proteger seu Sensei e vence o algoz. Finaliza-se o episódio com Iruka dando sua bandana para Naruto, e assim, Naruto oficialmente foi aprovado na Academia Ninja e também não cedeu ao ódio.

Gaara assim como Naruto, é um jinchuuriki e sofre das mesmas exclusões sociais em sua aldeia. Estas foram instigadas pelo seu próprio pai, que proibia seus irmãos de brincarem com ele. Propagava o medo da besta de caudas selada nele nos aldeões e shinobis da aldeia. Marcado em sua testa com o *Kanji* “愛”, que se traduz do japonês como Amor.

Adotando uma medida diferente, marcada por violência e autopreservação, não encontrou outra solução para lidar com os problemas. Tornou-se, assim, uma

criança que despreza todos e não demonstra afeto para ninguém, sendo excepcionalmente impiedoso.

Figura 3 - Naruto conversa com Gaara, episódio 80 temporada 4.



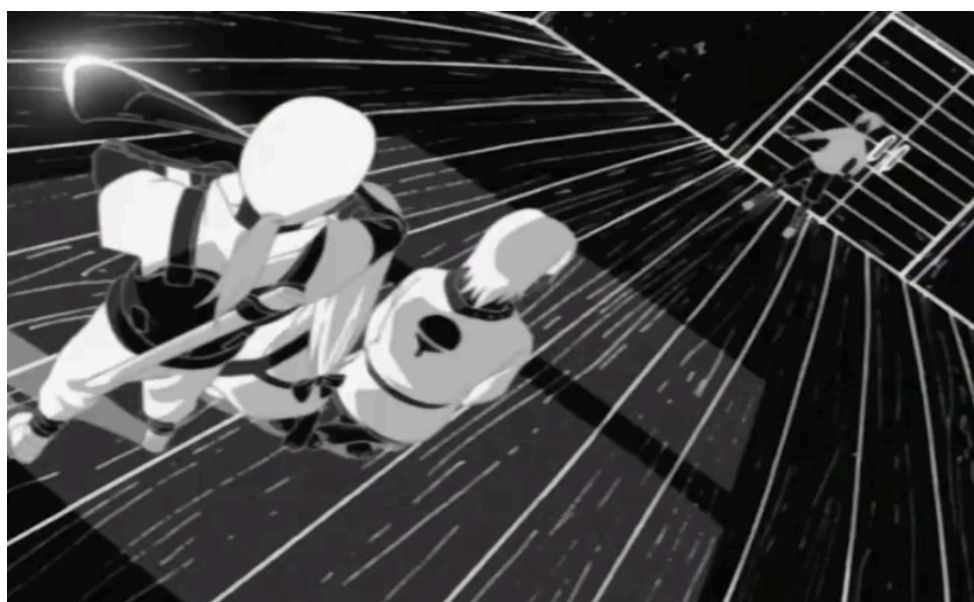
Fonte: <https://www.cbr.com/gaaras-biggest-wins-in-naruto/>

A cena retrata a conversa de Naruto e Gaara após uma intensa batalha em que Gaara tentava assassinar os amigos de Naruto. Naruto desabafa ao dizer que sabe como ele se sente, que já esteve perdido em ódio.

O episódio de que essa cena foi retirada é composto por diversos núcleos de luta. Ninjas da vila contra os ninjas invasores, Hokage contra o chefe do ataque e Naruto contra Gaara, que perdido em ódio tentava assassinar a todos. Após muitos ataques e o tempo de luta ambos ficaram esgotados e Gaara se pergunta como Naruto é tão forte. Naruto vê nele a mesma dor que sentia. Seguido de uma flashback mostrando a infância dos dois e como passaram pelas mesmas violências, sendo rejeitados, excluídos. Naruto ressalta que suas amizades o salvaram da sua solidão e que os defenderia até a morte. Gaara questiona o porquê lutar pelos outros e não por si mesmo. Durante esse diálogo, ele entende o que faz Naruto ser diferente e, consigo mesmo, pensa que um dia até ele pode ser diferente. Sasuke chega e diz para Naruto que Sakura está bem e não há mais o porquê lutar e Gaara é levado embora. O restante do episódio ocorre em torno da morte do atual Hokage e as memórias de todos com ele.

Sasuke enquanto criança desfrutava da convivência de seu clã e família, após o massacre a morte de seus pais e todo o clã, sua vida foi modificada. Anteriormente, num lar com amor agora se encontra sozinho consumido pelo desejo de vingança contra o seu adorado irmão mais velho, nutrindo sentimentos negativos e a tática de autoexclusão. Ele evita criar laços, pois acreditava que o amor o tornava fraco e vulnerável.

Figura 4 - Sasuke no Tsukuyomi¹⁸, episódio 131 temporada 5.



Fonte: <https://naruto.fandom.com/>

A imagem retrata Sasuke no Tsukuyomi, num intenso “pesadelo” revivido milhares de vezes por ele, sofrendo com o assassinato de seus pais e não compreendendo o porquê daquela situação. Sua mente fragilizada e seu corpo cansado entraram em colapso.

O episódio retoma um flashback das memórias de Sasuke enquanto o mesmo luta contra Naruto no Vale do Fim, enquanto ambos estavam dispostos a ir até às

¹⁸ O Tsukuyomi usado por Itachi Uchiha tem a capacidade de arrastar a mente da vítima para um mundo mental onde o usuário tem total controle sobre o tempo, gravidade, espaço e noções como vencer ou perder, tornando a técnica impossível de resistir e deixando o usuário livre para manipular as circunstâncias que podem causar um colapso mental na vítima.

Tsukuyomi. Wiki Naruto. Disponível em

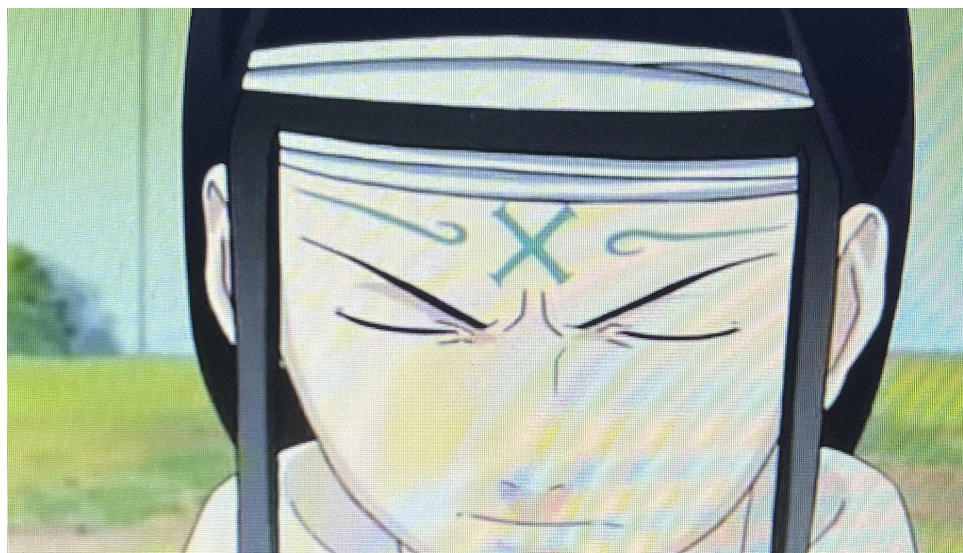
<<https://naruto.fandom.com/pt-br/wiki/Tsukuyomi#:~:text=Itachi%20usou%20Tsukuyomi%20como%20um,ser%20apenas%20parte%20do%20genjutsu>>

Acesso em: 24/05/2025.

últimas consequências. Naruto queria trazê-lo de volta e Sasuke queria cortar seus laços e ir embora. Ele revive os momentos da fatídica noite em que viu seus pais mortos, seu clã dizimado e que tudo mudou. Retornando à luta, ele afirma que não poderia ser mais forte se continuasse ali, Naruto fica desnorteado quando descobre que Sasuke realmente pretende matá-lo. O episódio acaba com os dois entrando em confronto corporal.

Neji compartilhava também a vinda de um clã, porém por questões hierárquicas pertencia a “família secundária”, nascido e criado para servir a família principal, e se necessário morrer por ela.

Figura 5 - Neji revela o selo amaldiçoado, episódio 61 temporada 3.



Fonte:

https://naruto.fandom.com/pt-br/wiki/Naruto_-_Epis%C3%B3dio_61:_A_Derradeira_Defesa:_No_Ponto_Zero!

Neji carregava em sua testa um selo amaldiçoado. Era usado pelos membros da família principal para manter os membros da família secundária sob controle. Este selo lhe foi colocado quando a herdeira do clã principal completou 3 anos de idade, quando o mesmo tinha 4 anos de idade.

Ele nutriu aversão e desprezo pela organização de sua família e também por sua prima, a herdeira da família principal. Sabia que mesmo sendo “superior” em questões shinobi jamais seria considerado e respeitado, por conta de sua origem.

A cena de Neji revelando o seu selo amaldiçoado ocorre no meio da sua luta contra Naruto no Exame Chunin. Neji acredita que as coisas são como tem que ser e que nada pode mudar o destino. Naruto, indignado pela maneira que Neji tratou Hinata, anteriormente, o questiona e nesse momento Neji conta sobre a história seu clã, a morte de seu pai para proteger o clã e a tortura que já foram submetidos. A luta se arrasta para o episódio seguinte.

Kakashi é o Sensei de Naruto. Personagem que enquanto adulto, se mostra calmo e muito resiliente. Jamais havia aprovado um trio de ninja antes do “Time 7”, o time de Naruto, pois prezava o respeito e cooperação entre seus amigos.

Sua história de infância se assemelha a todas as outras citadas acima. Seu pai cometeu suicídio por falhar em uma missão e não entregar seus companheiros, crescendo sozinho, carregando a vergonha que aldeia tinha de seu pai e com aversão ao desrespeito das regras de uma missão. Seu time na “Academia Ninja”, composto por um Sensei e dois companheiros de mesma idade, foram mortos durante a Guerra e se sentiu sozinho novamente.

Figura 6 - Kakashi confronta Sasuke, episódio 108 temporada 5.



Fonte:

<https://www.google.com/url?q=https://www.youtube.com/watch%3Fv%3DnaptXx5Yokl&sa=U&ved=2ahUKEwinwfjGqqCMAxXtpZUCHcmIDv4Qo7QBegQIEBAF&usg=AOvVaw0H9eNu51kbOUGbyy28PFSR>.

O episódio inicia-se com Sasuke e Naruto enfrentando-se com seus ataques mais poderosos. Kakashi os impede e Sakura fica desolada. Kakashi conversa com Jiraiya sobre a evolução dos dois garotos e como a rivalidade os afeta, além do desejo de vingança de Sasuke. Enquanto Kakashi conforta Sakura, Jiraiya conversa com Naruto. Mais tarde, Kakashi encontra Sasuke e o confronta, dizendo para ele que a vingança não acaba bem, Sasuke por sua vez, questiona como ele se sentiria se matassem a pessoa mais importante do mundo para ele. Só assim ele o escutaria e o entenderia. Kakashi afirma que essa é uma teoria interessante, mas todos esses que ele cita já estão mortos. Afirma que ambos não tem uma vida fácil, porém tem uma chance de recomeçar de novo com o time 7, deixando Sasuke reflexivo. O restante do episódio conta com os membros do time 7 relembrando de momentos juntos e Sasuke luta com os ninjas que querem levá-lo.

As cenas aqui apresentadas expressam uma relação significativa das crianças em seus processos de socialização e ampliação de experiências. Nesse sentido, a orfandade e a ausência familiar acompanha as crianças ninjas. Tais traumas, dores, sentimentos de impotência converte-se na expectativa de futuro e na construção de um adulto capaz de mobilizar a ética, a solidariedade e a disciplina como elementos construtores de um futuro.

Disciplina, honra e saberes tradicionais revelam ao mesmo tempo o ideal da infância na expectativa de ser adulta como forma de negação do passado, de suas dores e indicativo de seu crescimento. Ao mesmo tempo que indica os sentimentos compartilhados, as ações tomadas pelos personagens, ora pelo comportamento da sociedade perante eles e também a ineficiência do Estado em protegê-los durante sua infância. Naruto edifica a expressão de crianças sem proteção da família e do Estado, porém vislumbra uma sociedade com base na disciplina, na honra e talvez indique a centralidade das crianças como potência de transformar suas histórias e o mundo em que vivem.

A família e a escola (no caso a Escola Ninja) também são pontos significativos do processo, visto que correspondem às formas de inserção das crianças no mundo. Portanto, quando não há referências adultas numa dimensão familiar, como as crianças concebem o mundo? Quais as perspectivas de futuro? Qual a relação com

o passado? Como dimensionar os traumas advindos de guerras? de genocídios? de migrações? Ou seja, construir quando não parece não existir passado?

Enquanto escrevemos este TCC, crianças palestinas e ucranianas enfrentam violações de seus direitos. Se em *Naruto* a formação Ninja indicava possibilidades de existências, consideramos seus diálogos, sua violência e seu apelo pop como a sistematização de um mundo marcado pela violação das infâncias e dificuldades de efetivação de seus direitos. Por outro, o tempo Ninja como evocação de um Japão milenar e tradicional parece indicar um caminho contra os traumas coletivos. Assim, disciplina, coletividade e amor como sinais de um mundo que criança transforma com seus gestos, sonhos e dores, numa combinação que impõe a vida quando o passado familiar lhe é negado, e assim se reconstrói o mundo e o presente surge como o tempo do agora, do instante da vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desse trabalho foi um grande desafio, enquanto futura pedagoga. Ao retratar as infâncias foi preciso um estudo profundo sobre a história das infâncias e durante esse movimento ir aprendendo mais sobre a pluralidade delas, e de como, muito ainda fica de fora.

Desse modo, consideramos importante a retomada dos objetos centrais de nossos capítulos. Num primeiro momento discutimos sobre o processo das infâncias em tempo histórico, em que a história das crianças subalternizadas não foi contada nos tempos mais remotos. Os primeiros esboços foram feitos com uma pequena parcela de crianças, as privilegiadas. Ainda, no centro das ciências humanas e passando para a criança, um ser de direito, abordando a Declaração de 1959 e a globalização das infâncias, destacamos Sarmento que tece críticas sobre a noção de uma única infância no contexto globalizado. Cabe lembrar também, que os direitos universais das crianças não protegem todas as crianças e suas infâncias, no entanto, é o primeiro esforço na luta contra as violências na infância.

Seguindo com o objeto de estudos, *Naruto*, que apresenta o contexto da obra e sucintamente narra sobre as temporadas de análise, também o situa no universo acadêmico com suas potencialidades de escrita, estimuladas por debates sobre a condição humana de ser, sentir e agir. Preparando para análise das cenas, que retratam diversas situações de violência sofridas pelas crianças. A análise apresenta um grande paradoxo, em que as crianças devem inspirar-se em preceitos da disciplina, honra, conduta e força imparável, enquanto o Estado nada garante para o desenvolvimento das mesmas, em que as lacunas se formam e seguem até que cada um possa “definir” o próprio destino. Fica claro, que as figuras adultas de referência são necessárias, embora, seu papel deva ser discutido em outro momento oportuno.

Naruto é uma obra que vem sendo usada para abordagem de diversos temas. Ao longo da escrita deste trabalho foram surgindo muitas questões sobre as emergências da infância e as perspectivas de violência. São temas sensíveis e que necessitam certo zelo ao serem debatidos. As representações são importantes, pois, são usadas para demonstrar sobre a vida e indicam a centralidade das crianças na construção de suas vidas, o quanto enfrentam seus destinos.

Se a violência parece limitar e determinar, se o adulto institui o mundo a ser seguido, Naruto e seus amigos transgridem, recriam e ao enfrentarem seus destinos constroem possibilidades. Portanto, Naruto a acenar para história da infância, sua pluralidade de experiências, centraliza a vida das crianças e suas escolhas como um indício da concepção de criança como sujeito da história e de direitos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Descolonizando as pesquisas com crianças e três obstáculos. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 35, n. 127, p. 461-474, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/7yYpXMyr5jx5P3VwqcXdk4f/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- ABRAMOWICZ, Anete. **Crianças e guerra: as balas perdidas!**. *Childhood & Philosophy*, v. 16, p. 1–14, 2020. Tradução. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/childphilo.2020.48358>>. Acesso em: 17 jun. 2025.
- ARIÈS, Philippe, 1914-1984. História social da criança e da família / Philippe Ariès; tradução de Dora Flaksman. - 2.ed. - [Reimpr.]. - Rio de Janeiro : LTC, 2011.
- ARROYO, Miguel. A infância interroga a pedagogia. In: SARMENTO, Manuel; GOUVEIA, Maria Cecília (Orgs.). **Estudos da infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHAUÍ, M. de S. Ética e violência. *Teoria e Debate*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo. Ed. 39. 1998.
- CORAZZA, Sandra Mara. **Infância e educação: era uma vez, quer que eu conte outra vez?** Petrópolis – RJ: Vozes, 2002.
- COSTA, D. L. ; BASTOS, R. . Os entrelaçamentos temporais e mitológicos das presenças das deusas antigas na personagem Kaguya no anime *Naruto Shippuden*. *PALÍNDROMO (ONLINE)* , v. 14, p. 328-348, 2022. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/16892>>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- FONSECA, João José Saraiva. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.
- GORGATTI, Eliana Cristina de Alvarenga Saraiva. A influência da cultura japonesa através dos desenhos animados. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (Resafe)*, [s. l.], n. 2, p. 1-8, maio 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/3958>>. Acesso em: 10 out. 2024.
- KISHIMOTO, Masashi. Entrevista. Stéphane Beaujean, Christel Hoolans. *Kaboom*. 2014. Disponível em: <"<https://narutoworldbrazil.blogspot.com/2018/05/entrevista-de-masashi-kishimoto-para.html>>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Métodos de coleta de dados: observação, entrevista e análise documental. In: **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MACHADO, Edneia Maria Azevedo; BROSTOLIN, Marta Regina. *Criança e infância na perspectiva da sociologia da infância e os entrelaçamentos com a educação*

infantil. In: CARVALHO, Janaína Nogueira Maia et al. (Orgs). A sociologia da infância: possibilidade/s de voz e ação da criança e sua/s infância(s). Campo Grande, MS: UFMS, 2022. p.41-60.

NUNES, Antonio J; SALES, Magda C. V. .Violência contra crianças no cenário brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2016, v. 21, n. 3

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989. Disponível em:
<<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>>. Acesso em: 20 nov. 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração dos Direitos da Criança de 1959. Disponível em:
<<https://www.unicef.org/brazil/media/22026/file/declaracao-dos-direitos-da-crianca-1959.pdf>>

PARIS, Camila de. Esse é meu jeito ninja? Uma interpretação sociológica da escola ninja no mangá *Naruto* através da teoria de Pierre Bourdieu / Camila de Paris. - - 2019. 76 f.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. V.15, nº 29. PP. 9 - 27, 1995.

ROSEMBERG, F. e Mariano, C.L.S. 2010. A convenção internacional sobre os direitos da criança: debates e tensões. *Cadernos de Pesquisa*. 40, 141 (dez. 2010), 693–728.

SALVA, Sueli; MARTINEZ, Lucas da Silva. Sons, imagens, pensamentos: infâncias em tempos de pandemia. 1. ed. - Foz do Iguaçu: Editora CLAEC, 2020. 72 p

SARMENTO, M.J. Os ofícios da criança.Vários (Prg.). Os mundos sociais culturais da infância . In: CONGRESSO INTERNACIONAL – OS MUNDOS SOCIAIS E CULTURAIS DA INFÂNCIA. 2. 2000, Braga. Actas [...] Braga: IEC/Uminho, 2000. vol. II.

SARMENTO, M.J. A globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade . In: GARCIA, R. L.; LEITE FILHO, A. (Orgs.). Em defesa da educação infantil. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-28. (Coleção O sentido da escola; 18).

SARMENTO, M.J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 15 jan. 2025.

SATO, Cristine, A. **JAPOPOP**: O Poder da Cultura Pop Japonesa São Paulo: NSP-Hakkosha, 2007.

SILVA, Bianca de Souza Gualberto. Estigmas e representações sociais: *Naruto Uzumaki*, de fracassado a herói. Universidade Federal de Fluminense, 2019.

SILVA, Diego José da, 1995- Representações dos meios de violência no mangá *Naruto*, de Masashi Kishimoto / Diego José da Silva. - 2024. 74 f. Disponível em:

<<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/46056>>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SILVA, Francisco Alves da. A narrativa do herói: um mito chamado Naruto / Francisco Alves da Silva. - João Pessoa, 2019. 126 f. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19547>>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SILVA, Francisco Vieira; RODRIGUES DA SILVA, Diego. A incompletude constitutiva do sujeito e o reconhecimento de si: o mangá Naruto como metáfora para (re)pensar a condição humana. *Lumina*, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 186–204, 2021. DOI: 10.34019/1981-4070.2021.v15.29537. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/29537>>. Acesso em: 17 jun. 2025.

TONETTO, Maria Luiza Posser; MATTOS, Renan Santos. Infâncias e necropolítica: Reflexões sobre a criança como sujeito de direitos em tempos de pandemia. In: Salva, Sueli Memórias, arte e (re)existências: infâncias em tempos de pandemia de Covid -19 e em outros tempos / Sueli Salva, Renan Santos Mattos, Lucas da Silva Martinez (Organizadores). 1. ed. Foz do Iguaçu: Editora CLAEAC, 2022.

VASCONCELLOS, Pedro V. F. Mangá-Dô, os caminhos das histórias em quadrinhos japonesas. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2006.